

ACORDO A 1 DE OUTUBRO FALHA NA CAPITAL ITALIANA

- Compromisso de Gaborone não foi cumprido
- Afonso Dhlakama diz existirem novos aspectos a esclarecer

por Bernardo Mavanga, nosso enviado especial, a Roma

Falhou ontem em Roma a assinatura do Acordo Geral de Paz que o Presidente Chissano e o líder da Renamo Afonso Dhlakama se comprometeram, no passado dia 18 de Setembro, em Gaborone, a rubricar, frustrando certamente as expectativas dos moçambicanos, há mais de 15 anos submetidos a uma guerra de destruição. Apesar de se encontrar desde o princípio da noite de ontem em Roma, o líder da Renamo continua a condicionar a assinatura do acordo à satisfação de uma série de exigências relativas a questões constantes dos textos finais do acordo, designadamente sobre o SISE, a Polícia e administração no período pós-guerra, dos territórios que ocupa.

Falando a jornalistas à sua chegada ontem a Roma, Dhlakama disse que a assinatura do acordo dependeria do ambiente que encontrasse nas discussões, uma vez presentes na capital italiana os Presidentes Joaquim Chissano e Robert Mugabe, mas não estava em condições de dizer se essas discussões levariam dois, três ou nove dias.

Trata-se de certas questões que devem ser acertadas para que o acordo seja assinado — disse Dhlakama acrescentando: "você sabem que tínhamos problemas sobre o SISE e a Polícia, e fizemos uma grande concessão. Dissemos que esses órgãos poderiam continuar a funcionar no período entre o cessar-fogo e as eleições, na condição de criarmos comissões para fiscalizar as actividades desses órgãos durante a transição. Mas o Governo não está em condições de criar comissões que tenham poderes de investigar. São essas pequenas diferenças". Explicando ainda as razões da sua discórdia o líder da Renamo afirmou.

"Existem problemas na futura administração das nossas zonas. A Renamo controla mais de 85 por cento do território moçambicano e temos que continuar a administrar as nossas zonas até a tomada de posse do Governo eleito democraticamente. Esta é uma forma de evitar que o Governo mande os seus elementos do Partido Frelimo para influenciar as nossas populações". Perguntado sobre porque razão tomara ele o compromisso de assinar o acordo no dia 1 de Outubro, Dhlakama afirmou que desde o encontro de Gaborone o Governo moçambicano nunca mais quis negociar de boa fé, esperando

sempre pela data marcada para a assinatura do acordo.

O líder da Renamo disse não ter vindo a Roma "para assinar um acordo mal negociado, mas sim para dizer que não há acordo porque há problemas".

Porém, notícias pontualmente publicadas pela imprensa moçambicana indicavam semana passada que na sequência de contactos feitos pelo Embaixador italiano em Maputo, Manfredi Di Camerana com o líder da Renamo, incluindo uma visita à Gorongosa, estavam na origem da audiência que o Chefe de Estado concedeu ao diplomata italiano, para os acertos finais em preparação do acordo.

A chegada tardia de Afonso Dhlakama a Roma gorou todos esforços que a mediação e as autoridades italianas, o Governo moçambicano e o Presidente Chissano, pessoalmente, vinham realizando até aos últimos dias, para tornar possível a efectivação deste acontecimento na data marcada.

Enquanto chegavam terça-feira à noite a Roma notícias de que o líder da Renamo estava a caminho da capital italiana, seguindo a rota aérea Gorongosa, Malawi, Quênia-Roma e que chegaria na manhã de quarta-feira, na realidade este continuava no seu quartel-general em Maringué. Dali, Afonso Dhlakama só partiu quarta-feira à noite com pelo menos uma paragem prevista ao longo do seu trajecto, nomeadamente em Nairobi.

O líder da Renamo chegou a Roma cerca das 19.00 horas locais (20.00 horas de Maputo), precisamente na data em que se devia realizar a cerimónia e, conforme suas

declarações à imprensa só se encontrará com o Presidente Joaquim Chissano esta manhã, depois de se avistar com a sua delegação às conversações e com a mediação.

Se porventura Chissano e Dhlakama chegarem esta manhã a algum acordo que dissipe todas as dúvidas existentes, será necessário algum tempo para que as autoridades italianas, que se prontificaram a organizar a cerimónia, renovem todos os procedimentos protocolares, incluindo os convites que haviam sido feitos a altos dignitários e que foram terça-feira cancelados, pelo menos para os casos daqueles cuja presença é tida como aconselhável.

Não se põe, porém, de parte a possibilidade de se rubricar o acordo dispensando-se o aparato diplomático e a observância de normas cerimoniais inicialmente previsto para o dia 1 de Outubro, que incluíam a presença de representantes de mais de 15 países e organizações internacionais, como é o caso das Nações Unidas e da Organização de Unidade Africana, uma vez em Roma os Presidentes Robert Mugabe e Quett Masire, que estiveram directamente envolvidos nesta questão.

Chissano voltou a afirmar ontem, falando a jornalistas, que continuará a agir em conformidade com os acontecimentos respondendo a uma pergunta sobre o que faria se Afonso Dhlakama não se mostrasse pronto a assinar o acordo.

O Chefe do Estado moçambicano sublinhou, uma vez mais, que a sua presença em Roma desde terça-feira é um sinal de boa-vontade, claro para a comunidade internacional e para o país que se dispôs a acolher a assinatura do acordo.

Ele recordou que assumiu a 18 de Setembro, em Gaborone, o compromisso de a 1 de Outubro assinar

com Dhlakama o acordo de paz, pelo que veio à capital italiana para cumprir com o que se comprometeu a cumprir.

Entretanto, o Ministro dos Negócios Estrangeiros sul-africano, Roelof Botha, que chegou no fim da manhã de ontem a Roma mostrou-se esperançado de que o acordo seja em breve assinado "para que se estabeleça a paz em Moçambique".

Botha que falava a jornalistas foi indagado sobre o conteúdo de uma mensagem que terça-feira endereçou ao líder da Renamo, e à qual se fez referência na imprensa sul-africana, tendo afirmado que a sua missiva tinha como objectivo encorajar Dhlakama a deslocar-se à capital italiana e proceder à assinatura do acordo geral de paz. Porém, o ministro sul-africano negou pronunciar-se sobre a resposta que o líder da Renamo lhe teria dado sobre o assunto.

"Pik" Botha que afirmou que não poderia permanecer em Roma mais do que dois dias, entregou ao Presidente Chissano uma mensagem do Presidente Frederic de Klerk em que, este último deseja sucessos ao processo moçambicano.

De Klerk era um dos dignitários convidados a tomar parte na cerimónia de Roma mas, afazeres do seu próprio país fizeram com que, para aqui viesse em seu lugar o chefe da diplomacia sul-africana, conforme refere a dado passo a mensagem endereçada ao Presidente Chissano.

Enquanto isto, as delegações das duas partes, que discutem em Roma há mais de dois anos, prosseguiram ontem a sua reunião plenária destinada à finalização da documentação, interrompendo-a apenas com a chegada do líder da Renamo.

Considerando que um compromisso abrangente e de tão elevado carácter histórico, testemunhado e aplaudido pelo mundo inteiro, está a merecer um tratamento leviano é de perguntar qual será a sorte de Moçambique e dos seus homens mesmo que por qualquer eventualidade se assinem em breve o referido acordo.